

**TEATRO E EDUCAÇÃO:
UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA E FORMATIVA DE
TRABALHADORES RURAIS NO MST**

Autoria: TERRA, Filhos da...Mãe – MST – gg-terra@yahoo.com.br

Co-autoria: ESTEVAM, Douglas;
SILVA, Beatriz Flaviana da;
SILVA, Bruna Aparecida da;
SILVA, Edina Aparecida;
SILVA, Erisvaldo Aparecido da;
SILVA, Geralda Rosa da;
SILVA, Maria Aparecida;
SILVA, Pedrelina Henrique da;
SILVA, Rosa Maria da;
SILVA, Sandra Aparecida da;
TEIXEIRA, Kadine

Resumo: O presente trabalho visa compartilhar a experiência desenvolvida pelo MST, mais especificamente pelo grupo teatral “Filhos da Mãe...Terra” do Assentamento Carlos Lamarca, no que diz respeito à formação de militantes na linguagem teatral, bem como à formação do público que assiste às peças encenadas e criadas coletivamente pelo grupo. Busca-se, por meio do teatro (encenação e oficinas), dialogar tanto com os camponeses, de forma a ampliar sua compreensão crítica da sociedade e da História, quanto com a sociedade civil, desfazendo os slogans e frases feitas divulgadas pela grande mídia.

Palavras-chave: MST, teatro político, formação, historicidade, coletivo, sociedade, Círculo de Cultura, oprimidos, sujeitos da História.

O trabalho sistemático com teatro surge a partir do momento que o MST, ao compreender a necessidade de se apropriar de linguagens que favoreçam a ampliação do nível de consciência cultural dos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra, entende que é preciso organizar o Coletivo de Cultura. Iniciam-se, em 1996, uma série de oficinas e seminários que consolidam o processo de formação deste coletivo, do qual passa a fazer parte a frente de teatro. Apesar deste sempre ter sido feito no MST, essa frente se fortaleceu a partir da constituição da *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*, em 2001.

A organização da *Brigada*, desde o princípio, esteve vinculada a um processo de formação, uma vez que ocorreu em parceria com o Centro de Teatro do Oprimido

(CTO) do Rio de Janeiro, sob coordenação de Augusto Boal, visando promover o treinamento de militantes de vários setores na técnica do Teatro do Oprimido, para que pudessem ser multiplicadores. Deveriam, a partir desse momento, ministrar oficinas e formar grupos nos acampamentos, assentamentos e encontros do MST. Esse trabalho vem sendo organizado numa perspectiva intersetorial, ministrando oficinas de teatro nos cursos de formação de militantes do movimento (escalas regional, estadual e nacional). Estima-se que aproximadamente 5.000 militantes das cinco grandes regiões tenham participado de oficinas de Teatro do Oprimido entre 2001 e 2005 e que mais de 50.000 pessoas, entre acampados, assentados e público urbano, tenham assistido às apresentações de peças de Teatro construídas pelos grupos que formaram-se a partir desse processo. Um dos resultados desse trabalho pôde ser visto na segunda e terceira edições do Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre, onde foram apresentadas peças dirigidas por Augusto Boal e pela equipe do CTO.

O grupo “Filhos da Mãe...Terra” forma-se em 2003 – em princípio paralelamente à *Brigada*, mas posteriormente incorporado à ela – no município de Sarapuí-SP. Faz parte do Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que conta hoje com aproximadamente 35 grupos espalhados em acampamentos e assentamentos do MST em todo país. Estes grupos se organizam, para fins de formação, estudos e intervenções, na *Brigada Patativa do Assaré*.

O grupo consolidou-se e vem, desde então, desenvolvendo trabalhos que alcançam - em assentamentos, ocupações, seminários, festivais de teatro etc - um público amplo e diversificado. Apesar de não trabalhar diretamente com a linguagem do Teatro do Oprimido (mas valendo-se dela nas formações por meio de jogos teatrais), não perde a relação com a tradição do teatro político, decorrente em grande parte da obra teórica e dramaturgica de Bertolt Brecht (1898 – 1956). É a partir do roteiro de uma de suas peças didáticas, *Horácios e Curiácios*, que monta *Posseiros e Fazendeiros*. Esta peça ganha a forma e o discurso épicos, no sentido de uma tradição de teatro brechtiana do século XX. Pautado no materialismo, o teatro épico busca desconstruir a concepção fatalista de sociedade, explicitando seu caráter histórico e, portanto, mutável. Opondo-se à fatalização das relações, vale-se muito da comicidade e de estrutura narrativa.

A forma de construção das peças, desde a criação do texto até a produção de figurinos e adereços, é pautada em um dos tantos princípios pedagógicos que nos legou o companheiro Paulo Freire: o trabalho coletivo. “Onde os oprimidos vão desvelando o

mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com sua transformação”, tornando-se sujeitos na condução do processo de libertação. Escrita coletivamente, *Posseiros e Fazendeiros* é resultado de pesquisas sobre a questão agrária brasileira e suas formas de representação pela grande imprensa. Foram os próprios materiais da pesquisa que se constituíram na base do texto da montagem, que procura evidenciar as contradições que se ocultam no discurso hegemônico sobre a modernização da produção agrícola brasileira, chamada agronegócio, e a concepção de que a reforma agrária baseada na desconcentração da propriedade fundiária se tornou ineficiente.

Além de *Posseiros e Fazendeiros*, fazem parte do histórico do grupo a peça intitulada *A Farsa da Justiça Burguesa*, construída pela Região Sudeste, sob coordenação do grupo, a partir da organização de um Teatro Procissão pela *Brigada Patativa do Assaré*, com a atuação de 270 trabalhadores e trabalhadoras do MST de todo o Brasil, na chegada da Marcha Nacional em Brasília no ano de 2005. O Teatro Procissão, que tinha como tema *A História da Luta pela Terra no Brasil*, era dividido em cinco "estações", uma para cada região do país.

Ainda em 2005, por ocasião da Mostra de Dramaturgia Latino-Americana, no Teatro de Arena, o grupo foi convidado a fazer a leitura da peça *Por estes santos latifúndios*, do dramaturgo colombiano Guillermo Maldonado Perez, que foi premiada em 1975 pela Casa das Américas de Cuba. Apresentada novamente em janeiro de 2006, esta leitura faz parte do repertório do grupo como sua terceira produção. Neste mesmo ano, o grupo foi convidado a fazer a abertura da II Mostra Latino-Americana de Teatro de Grupo, realizada no Centro Cultural São Paulo (CCSP), com *Posseiros e Fazendeiros*.

Nos seus cinco anos, entendendo a importância e a força do “instrumento” teatro, o grupo passa a ser multiplicador do que cada um foi aprendendo no decorrer de sua construção, do fazer teatral, através de oficinas para a socialização de um conhecimento adquirido coletivamente. A primeira experiência dos seus integrantes como formadores foi durante a *Marcha Nacional pela Reforma Agrária* em 2005. Na ocasião, foram desenvolvidas oficinas de teatro para os militantes da região Sudeste, que participariam de uma das “estações” do Teatro Procissão acima citado. Tais oficinas foram planejadas durante a última etapa da formação com o CTO-Rio em janeiro do mesmo ano. Ainda antes da *Marcha*, o grupo participou de uma formação, junto com outros militantes do Estado de São Paulo, ministrada pela *Cia do Latão* (grupo paulista que atualmente é uma das principais referências brasileiras do teatro épico), que

também colaboraram na elaboração das oficinas que seriam desenvolvidas na *Marcha*. Desde então, o grupo vem desenvolvendo formação de multiplicadores em teatro por meio de oficinas avulsas, e desde o início de 2008 começou um processo sistemático e continuado na Regional do MST de Ribeirão Preto.

Ao longo dessa caminhada, vem-se pensando uma metodologia de formação que seja adequada à realidade do movimento. Nesses encontros, após a acolhida (concepção extraída dos Círculos de Cultura de Paulo Freire), parte-se para um trabalho com jogos teatrais, em grande parte provenientes da técnica do Teatro do Oprimido – que preza pela idéia de que todos os **seres humanos** são capazes de fazer teatro – e com jogos de improvisação a partir de temáticas relacionadas à realidade específica do grupo com o qual se está trabalhando. Essas temáticas são discutidas, desenvolvidas e tornam-se cenas, subsidiadas por textos sugeridos pelos formadores. Devem ser trabalhadas durante o mês, até o momento em que for desenvolvida nova oficina. Essas formações são planejadas coletivamente e coordenadas por, pelo menos, dois integrantes do grupo “Filhos da Mãe...Terra”.

Dessa forma, por meio das oficinas e das apresentações, o grupo busca contribuir para a formação crítica dos militantes do MST, para que se entendam enquanto sujeitos da História e agentes da transformação, pertencentes a uma coletividade que, como eles, está disposta a transformar a condição de exclusão e opressão a que estão submetidos. Visa alcançar também a sociedade que não está, necessariamente, envolvida nesta causa, trazendo problematizações sobre conjuntura e historicizando o papel de cada um e do próprio MST, de modo a possibilitar a reflexão e a desconstrução do senso comum. Sobretudo, o teatro, em todas as suas possibilidades, como formação e instrumento de luta!